

Montanari, M. Comida como cultura. São Paulo:  
Ed. Senac, 2008.

## introdução

A idéia de comida remete de bom grado à de natureza, mas o nexo é ambíguo e fundamentalmente inadequado. Na experiência humana, de fato, os valores de base do sistema alimentar não se definem em termos de "naturalidade", mas como resultado e representação de processos culturais que prevêm a domesticação, a transformação, a reinterpretação da natureza. *Res non naturalis*, assim definiram a comida os médicos e os filósofos antigos, a começar por Hipócrates, incluindo-a entre os fatores da vida que não pertencem à ordem "natural", mas à ordem "artificial" das coisas. Ou à cultura que o próprio homem constrói e administra.

Tal conotação acompanha a comida ao longo de todo o percurso até a boca do homem. Comida é cultura *quando produzida*, porque o homem não utiliza apenas o que

encontra na natureza (como fazem todas as outras espécies animais), mas ambiciona também criar a própria comida, sobrepondo a atividade de produção à de predação. Comida é cultura *quando preparada*, porque, uma vez adquiridos os produtos-base da sua alimentação, o homem os transforma mediante o uso do fogo e de uma elaborada tecnologia que se exprime nas práticas da cozinha. Comida é cultura *quando consumida*, porque o homem, embora podendo comer de tudo, ou talvez justamente por isso, na verdade não come qualquer coisa, mas *escolhe* a própria comida, com critérios ligados tanto às dimensões econômicas e nutricionais do gesto quanto aos valores simbólicos de que a própria comida se reveste. Por meio de tais percursos, a comida se apresenta como elemento decisivo da identidade humana e como um dos mais eficazes instrumentos para comunicá-la.

As considerações que proponho nestas páginas são fruto de pesquisas e reflexões a partir da minha competência específica no âmbito da história medieval, mas desenvolvidas de modo livre e desinibido, com digressões cronológicas e disciplinares em territórios que conheço apenas de modo indireto, mais como turista do que como habitante. Agrada-me, na verdade, faz tempo, enfrentar os temas clássicos da discussão antropológica e sociológica, que sinto como instrumentos indispensáveis para a compreensão dos temas que me são caros. Não excluo o fato, antes estou certo, de ter incorrido em imprecisões e ingenuidades: o próprio conceito de cultura, que empre-

guei em sentido amplo e abrangente, poderia ter sido discutido em termos mais complexos. Contentei-me com uma abordagem mais superficial, limitando-me a repensar, sob novos aspectos interpretativos, as coisas que estudei e sobre as quais refleti nesses anos. Não espero ter dado uma contribuição à discussão teórica sobre o sentido da cultura e das identidades culturais na experiência humana. Estou certo, pelo contrário, de que numerosas sugestões alheias ao meu ofício iluminaram melhor importantes aspectos das histórias registradas aqui.